

GRUPO DE MULHERES: AÇÕES EDUCATIVAS, PREVENTIVAS E DE REFLEXÕES PELA IGUALDADE DE GÊNERO

Carolina Orquiza Cherfem¹; Raquel Auxiliadora dos Santos²; Roseli Rodrigues de Mello³

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar o projeto de extensão realizado pelo Grupo de Estudos de Relações de Gênero e Feminismo Dialógico do NIASE-UFSCar (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa). Tal projeto, representado pelos Grupos de Mulheres, corresponde a uma atividade educativa e de reflexão, diante de um contexto em que predominam as desigualdades de gênero e a dominação masculina. Dessa forma, esses grupos consistem em espaço de diálogo para que as mulheres reflitam sobre suas vidas e sobre o processo histórico de dominação que vivenciam e, a partir disso, possam assumir transformações em suas vidas cotidianamente. A base teórica em que se pautam os Grupos de Mulheres é o feminismo dialógico, na medida em que parte da ação coordenada de todas as mulheres, sem discriminação de nível de estudo, geração, classe social e raça/etnia, na luta por direitos para mulheres, incluído, aqui, o direito ao atendimento de necessidades específicas da vida feminina nos diferentes grupos, gerações e culturas. Tal feminismo, por sua vez, encontra seus pilares no conceito da aprendizagem dialógica, contido nas elaborações de Habermas em torno da Ação Comunicativa, e de Paulo Freire sobre a Dialogicidade, uma vez que supõem que os sujeitos, por meio do diálogo, são capazes de entendimento e de atuarem para a transformação dos contextos e das relações. Observa-se que nestes grupos de mulheres a autoconfiança se gera a partir da interação com outras companheiras. Ao trocar idéias, partindo das necessidades e interesses das participantes, muitas mulheres desenvolvem um processo que melhora sua auto-estima. As mulheres refletem sobre suas vidas pessoais e compartilham os problemas que vivenciam, buscando informações de diferentes temáticas que correspondem à vida feminina e, assim, constroem mudanças nas relações de gênero e transformam suas vidas e contextos em solidariedade feminina.

Palavras-chave: Grupo de Mulheres, Relações de Gênero, Feminismo Dialógico.

Introdução: Realidade de opressão das mulheres e o Feminismo Dialógico

Quando pensamos na situação das mulheres em nossa sociedade, podemos rapidamente destacar os avanços conquistados e a intensa movimentação de muitas mulheres na busca por relações igualitárias entre homens e mulheres. Na área da educação, por exemplo, as mulheres de 15 anos ou mais de idade, em 2005, tinham uma escolaridade média de 7,1 anos de estudos, comparados a 6,8 anos entre os homens. Contudo, essa conquista ainda não se refletiu em melhorias para a mulher no mundo do trabalho, na medida em que não se garantiu a permanência das mesmas no trabalho, bem como remuneração em condições igualitárias.

¹ Mestre em Educação pelo PPGE UFSCar e participante do Niase

² Pedagoga e Coordenadora da Divisão de Políticas para as Mulheres da Prefeitura Municipal de São Carlos/SP

³ Professora Dra. pelo PPGE e Associada da UFSCar, coordenadora do Niase

Dessa forma, um olhar crítico nos mostra que, apesar dos avanços, ainda identificamos uma sociedade em que limitações e oportunidades são apresentadas de formas diferentes para homens e mulheres. Na busca por compreensão de uma realidade social histórica de opressão das mulheres, destacamos que em nossa sociedade somos ensinadas/os a ser mulheres ou homens de diversas maneiras e por diferentes pessoas, instituições e meios, a partir de alguns mecanismos utilizados para produzir e reproduzir as desigualdades de gênero.

Nesta socialização feminina, observamos ainda que a solidariedade entre as mulheres também não é estimulada. Embora as mulheres realizem atividades juntas e se solidarizem, a solidariedade não é reforçada por nossa sociedade; muito pelo contrário, somos estimuladas a competir e brigar pelos homens. Essa forma de educação das relações impõe-se a rivalidade entre as mulheres, elas se tornam encarregadas do controle moral, responsáveis pelo comportamento das outras, gerando competitividade.

Não esqueçamos ainda que reduzir as diferenças entre homens e mulheres é muito simplista, existem diferenças entre os próprios homens, entre mulheres e mulheres, além das diferenças étnicas, culturais, religiosas, políticas, etc. Num primeiro plano, “as diferenças entre homens e mulheres são óbvias, já que ocorre concretamente em nível do corpo”, no funcionamento glandular e nas funções reprodutivas. A questão que se apresenta é que a sociedade, a fim de manter o referente masculino, busca “reinterpretá-las de modo simbólico e artificial”, transformando-as em desigualdades sociais que atingem diferencialmente mulheres do mundo inteiro (WHITAKER, 1988, p. 10).

Neste contexto de uma socialização de opressão, muitas mulheres constroem a auto-percepção negativa. Segundo Puigvert, diante de uma história não valorizada, muitas mulheres sentem certa impossibilidade de mudança social em suas vidas, “são mulheres que têm introjetado o discurso exclutor dominante” (2001-a, p. 64).

Destacamos a discussão feita por Mello (2003) em torno da auto-exclusão. A autora verifica, a partir da exclusão cultural como maneira de desqualificar qualquer tipo de cultura que não a dominante, o sentimento de inferioridade, de inadequação e até mesmo de incompetência, vivido pelas pessoas marginalizadas, gerando baixa auto-estima entre as mulheres.

Temos na auto-exclusão um fator da não participação de mulheres em espaços públicos, por sofrerem preconceitos e por não serem incluídas na produção do conhecimento

valorizado, principalmente quando não escolarizadas. Podemos identificar que existe um grupo de mulheres mais protegido socialmente e que consegue cada vez mais conquistar sua emancipação, enquanto outros grupos, por sofrerem diferentes exclusões e preconceitos, enfrentam maiores dificuldades, sendo mais sensíveis à auto-exclusão.

Nessa direção, faz-se necessário refletir que, às desigualdades existentes historicamente entre homens e mulheres, há que se também considerar as desigualdades existentes entre diferentes grupos de mulheres. Segundo Safiotti (2004), há complexidades quando compreendemos o conceito de gênero como um “nó”, abarcando relações qualitativas de uma simbiose da qual participam gênero, classe social e etnia/raça e que tornam a situação de algumas mulheres muito mais favorecidas do que a vivida por outras mulheres.

Em contrapartida, Mello (2003) também destaca a capacidade que as mulheres têm para, em grupo, poder superar processos de auto-exclusão, em relações de solidariedade, criação de sentido e diálogo. Quando as mulheres começam a se transformar, a mostrar a sua movimentação, exigem que os homens e toda a sociedade se movimentem também, construindo, diariamente, relações de gênero mais igualitárias.

Podemos ter como exemplo o engajamento de mulheres em diferentes movimentos sociais, os quais assumem, segundo Habermas (1987-b), enorme capacidade para gerar transformações em todos os âmbitos sociais. Para o autor, ações de solidariedade ampliadas nos movimentos sociais fazem com que os mesmos se tornem espaços em que não se rompa apenas com as formas de vida estabelecidas, mas que possam gerar transformações na economia e na política. Isso, principalmente, quando esses movimentos são orientados pelas próprias pessoas afetadas e não apenas por intelectuais.

Nessa direção, Puigvert (2001-a, p. 53) reforça a organização em grupo, bem como a necessidade de ações de educação e reflexão em torno do tema histórico de luta das mulheres, partindo da capacidade de transformação que têm as mulheres, a partir de suas vidas cotidianas e de suas organizações. Puigvert (ibid) destaca organizações realizadas pelas “outras mulheres”, referindo-se àquelas que estão nos movimentos de base, mulheres não acadêmicas que, muitas vezes, são esquecidas pelas discussões do feminismo.

Nas palavras de Puigvert (2001-b, p. 42), as outras mulheres são todas aquelas que “têm sido deixadas à margem de nossos discursos e lutas feministas por não serem acadêmicas ou por pertencerem a uma minoria cultural”, ou seja, a imensa maioria de mulheres está

excluída da formulação de debates e indicação de prioridades no movimento feminista gerado por mulheres acadêmicas ocidentais.

A grande maioria das mulheres (as mulheres não acadêmicas), que muitas transformações cotidianas constroem nas suas relações, não é considerada no debate e são mulheres que estão, geralmente, menos protegidas socialmente para assumirem suas escolhas de vida (PUIGVERT, 2001-a, p. 150). Incorpora-las na construção de conhecimento e de movimentos sociais é a perspectiva analítica inovadora gerada pelo feminismo dialógico, e que será base teórica deste artigo, bem como é a base do projeto de extensão que pretendemos aqui apresentar.

O feminismo dialógico apresenta em suas bases as teorias da Aprendizagem Dialógica, contidas nas elaborações de Habermas (1987), em torno da Ação Comunicativa⁴, e de Paulo Freire (2005) sobre a Dialogicidade⁵, uma vez que supõem que os sujeitos, por meio do diálogo, são capazes de entendimento e de atuarem para a transformação dos contextos e das relações. Esta atuação se daria a partir da ação coordenada de todas as mulheres, sem discriminação de nível de estudo, geração, classe social e raça/etnia, na luta por direitos para mulheres, incluído o direito ao atendimento de necessidades específicas da vida feminina nos diferentes grupos, gerações e culturas.

No desenvolvimento desta teoria, a autora destaca suas inquietações ao participar de centros de educação de mulheres jovens e adultas e observar a distância que havia entre as conquistas cotidianas dessas mulheres e a teoria desenvolvida na universidade. A autora narra sua participação em um encontro de mulheres rurais, decisivo para sua trajetória pessoal e intelectual: “descobri a força e transformação daquelas mulheres sem formação universitária,

⁴ Habermas, a partir de uma estrutura dual de sociedade, sistema e mundo da vida, realiza uma crítica à redução dos espaços de comunicação que colonizam o mundo da vida, apontando que “a racionalidade tem menos a ver com o conhecimento e sua aquisição, que com o uso que fazem dele os sujeitos capazes de linguagem e ação” (HABERMAS, 1987, p. 24). Nesse paradigma, Habermas apresenta que a realidade é uma construção humana que não depende do significado que as pessoas, individualmente, atribuem ao mundo, mas sim dos significados construídos intersubjetivamente, mediados pela interação das pessoas com os mundos objetivo (refere-se às coisas materiais e é idêntico para todas/os); social (refere às normas vigentes, aos valores e opiniões compartilhados intersubjetivamente); e subjetivo (somente o sujeito tem acesso, refere-se à expressão dos desejos e sentimentos).

⁵ Em relação às teorias de Paulo Freire em torno da dialogicidade, temos que o autor problematiza os desafios de uma realidade opressora a fim de superar essa relação, tendo como foco o diálogo e a capacidade das pessoas de estarem no e com o mundo e poderem nele intervir. Nessa direção, o diálogo, em Freire, pode ser entendido como fenômeno humano constituído pela palavra verdadeira, a qual guarda duas dimensões radicalmente imbricadas: a ação e a reflexão (FREIRE, 2005).

sua capacidade de organização em movimentos de mulheres e seu convencimento de que, através deles, podiam mudar o rumo de suas vidas” (PUIGVERT, 2001-b, p. 31). Cita ainda o contraste entre a literatura feminista que lia e a problemática daquelas outras mulheres: “mais do que as diferenças de salários entre economistas homens e economistas mulheres, protestavam sobre as desigualdades entre mulheres economistas e empregadas domésticas” (ibid). Tais inquietações mobilizaram-na para o desenvolvimento de uma teoria que buscasse representar uma pluralidade de mulheres, capazes de decidirem o sentido de suas vidas.

Exatamente por isso, é que o feminismo dialógico preocupa-se em incorporar as mulheres no diálogo sobre a igualdade, sobre os diferentes modos de ser mulher, sobre suas necessidades e interesses. Parte da concepção que não existe uma maneira única de ser mulher e que compartilhar distintas experiências é enriquecedor para as mulheres, da teoria à prática, ou por pertencer a diferentes realidades culturais ou grupos sociais. A incorporação de outras realidades permite recuperar temas fundamentais que aparentemente estão superados.

Seguindo a orientação deste feminismo dialógico, numa perspectiva de diálogo e solidariedade entre mulheres para a superação de dificuldades, a proposta de projeto de extensão aqui apresentada corresponde à formação de Grupos de Mulheres, enquanto ação educativa, preventiva e reflexiva, que permita construções mais igualitárias das relações de gênero. Tais Grupos correspondem a “espaços solidários onde é permitido desenvolver práticas transformadoras ultrapassando-se os preconceitos sociais que são atribuídos às mulheres” (PUIGVERT, ibid, p. 62). Pretende-se contribuir para o diálogo sobre o processo histórico de dominação em que vivem as mulheres, de forma a poderem transformar e/ou criar novas práticas sociais capazes de superar as desigualdades de gênero e lutar contra a violência de gênero.

Partindo da concepção que todas as mulheres são capazes de pensar sobre suas experiências e sobre as vias que servem para transformar as desigualdades em igualdade, o feminismo dialógico apresenta que a mulher possui capacidades que lhe permitem refletir sobre sua feminilidade. O que parece necessário é comunicar-se, dialogar com o resto das mulheres, trocar experiências para a construção de uma nova alternativa na qual estão todas representadas: “todas conjuntamente devem participar do processo de auto-reflexão sobre suas idéias pré-concebidas, analisando o conceito de pessoa e mulher, assim como o da sociedade, para desenvolver, coordenar e planificar ações comuns” (PUIGVERT, 2001-a, p. 61).

Os Grupos de Mulheres correspondem a uma das atividades de extensão desenvolvidas pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa, da Universidade Federal de São Carlos – NIASE UFSCar, o qual desenvolve pesquisa, ensino e extensão considerando diferentes práticas sociais e educativas. Diante dos desafios do atual contexto (novas tecnologias de comunicação e informação, globalização, multiculturalismo, reflexividade, novas exclusões, exclusões étnico/raciais e de gênero, consumismo e limites ambientais), o NIASE busca identificar fatores transformadores e excludores que ocorrem em diferentes espaços (investigação) e coopera com os grupos que produzem as práticas, para potencializar aspectos transformadores e transformar os excludores (extensão). O Núcleo conta com a presença de estudantes de graduação e de pós-graduação de diferentes cursos da UFSCar e coopera com o Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdade (CREA), da Universidade de Barcelona/Espanha, estando em constante interlocução com os/as pesquisadores/as do Centro e desenvolvendo, com ele, pesquisas e ações educativas em conjunto.

No ano de 2007, o NIASE criou o Grupo de Relações de Gênero e Feminismo Dialógico, que vem desenvolvendo atividades de pesquisa e aprofundamento teórico em torno do Feminismo Dialógico, bem como atividades de ação com a formação de Grupos de Mulheres, em interlocução direta com a Socióloga Lídia Puigvert, do CREA, e outras pesquisadoras do mesmo grupo. Também vem estabelecendo parceria com a Divisão de Políticas para as Mulheres, da Prefeitura Municipal de São Carlos, para a extensão universitária (ação social).

O Grupo de Estudos de Relações de Gênero e Feminismo Dialógico ressalta duas dimensões das relações de gênero: a) relações sociais que configuram historicamente práticas de violência e depreciação contra as mulheres; b) resistência e luta de diferentes mulheres para superar, em diálogo, esse processo de desigualdade e exclusão, bem como de desigualdades existentes entre as próprias mulheres.

Desenvolvimento: Os grupos de mulheres e suas potencialidades na luta por relações igualitárias de gênero

O desenvolvimento dos Grupos de Mulheres iniciou-se a partir do momento em que mulheres assumiram, por escolha própria, o Grupo de Mulheres, junto às instituições e organizações que estão inseridas, tais como Centros Comunitários, cooperativas, associações,

etc. Correspondem ao diálogo entre mulheres, com o objetivo de estabelecer laços de solidariedade e trocar experiências para a construção de alternativas nas quais todas as mulheres estejam representadas.

Nesses Grupos, nenhuma mulher se sente obrigada a atuar de uma forma imposta nem se considera mais feminista pelo seu nível acadêmico; o que vale é o que cada uma faz, o que cada uma defende. Todas são protagonistas de suas vidas e de sua própria transformação.

Em um contexto intersubjetivo, trata-se de gerar acordos através do diálogo. Ali sentem refletidas suas ações, lutando de um lado pela igualdade - “a luta por seus direitos como iguais ante os homens e resto das mulheres” -, e por outro, pela diferença - “a luta por manter seus sentimentos, sensibilidade e solidariedade, base de sua formação e criação de identidade como mulheres feministas, progressistas e alternativas” (PUIGVERT, 2001, p. 39).

Partindo dos conhecimentos, experiências, mundo da vida e interesses das participantes, nesses grupos são dialogados temas variados, referentes às relações de gênero e questões direcionadas à vida feminina e à sociedade como um todo. Vale destacar que os temas discutidos são selecionados pelas mulheres participantes, seguindo as suas necessidades e orientado pelo conceito de “aprendizagem dialógica” (Flecha, 1997), central no Grupo de Mulheres, envolvendo os seguintes princípios:

- 1) Diálogo igualitário: o que se considera é a função de validade de um argumento e não a posição de poder das pessoas que estão na interlocução. Assim, todas as mulheres podem aprender igualmente, partindo de seu mundo da vida e do diálogo de suas experiências;
- 2) Inteligência cultural: todas as pessoas têm as mesmas capacidades para participar de um diálogo igualitário, contradizendo a regra que é habitualmente atribuir valorização social aos grupos privilegiados (branco, masculino e ocidental). Assim, cada mulher participante do grupo possui uma inteligência que é reportada ao contexto em que vive;
- 3) Transformação: segundo Freire (2005) somos seres de transformação e não de adaptação. A maneira de aprender gerada pela aprendizagem dialógica acaba por transformar as pessoas e o conceito que têm de si mesmas, alterando suas relações com o entorno. Nos grupos de mulheres, mostram diariamente como é possível transformar suas formas de serem mulheres no e com o mundo;
- 4) Dimensão instrumental: o acesso ao conhecimento instrumental, advindo da ciência e da escolarização é um conhecimento importante para operar transformações e para agir no

mundo. Assim, as mulheres buscam também a aprendizagem de conhecimentos acadêmicos e científicos, os quais são instrumentos de luta para as mulheres;

- 5) Criação de sentido: o sentido ressurgue quando a interação entre as pessoas é dirigida por elas mesmas. A vivência por meio da aprendizagem dialógica cria novo sentido de vida para as mulheres, as quais são valorizadas e protagonistas de suas vidas;
- 6) Solidariedade: segundo Flecha (1997) as práticas educativas igualitárias só podem se fundamentar em concepções solidárias, desmistificando os discursos que consideram as práticas igualitárias como impossíveis e indesejáveis. Ao contrário do processo histórico de opressão que estimula a competição, a solidariedade entre mulheres possibilita o aprendizado conjunto por meio da participação;
- 7) Igualdade de diferenças: todas as pessoas são iguais e diferentes, porque têm o direito de viver e pensar de maneira diferente e serem respeitadas por isso. A igualdade é um valor fundamental que caminha ao lado da diferença em busca de relações mais igualitárias. Em diálogo, podemos refletir sobre essas diferenças para a criação de acordos e possibilidades de superação das desigualdades. Assim, juntas, as mulheres podem dialogar sobre as diferenças e buscarem a construção de novas identidades femininas.

Enquanto metodologia de educação, o Grupo de Mulheres foi criado pelo CREA, da Universidade de Barcelona, em parceria com diferentes mulheres participantes das Associações que integram a Federação de Associações de Educação de Pessoas Adultas – FACEPA. Surgiu a partir de um manifesto das mulheres, no qual estabeleceram alguns critérios para a construção de relações sem desigualdades por razões de gênero.

Seis critérios foram consensuados neste manifesto: 1) necessidade de fomentar espaços nos quais estejam presentes as vozes dessas mulheres; 2) necessidade de fomentar a solidariedade entre as mulheres; 3) criar um movimento de mulheres diferentes com objetivos comuns; 4) buscar a superação da tripla exclusão (mulher, sem formação acadêmica, pertencente a culturas e religiões não dominantes); 5) buscar informações sobre os direitos das mulheres; 6) superação das relações de poder por relações de igualdade baseadas no diálogo.

Dessa forma, foi criado o Grupo de Mulheres da FACEPA, como espaço educativo, de reflexão e ação de mulheres. As mulheres se reúnem todos os meses, durante 2 horas, para dialogar e compartilhar um café da manhã. Selecionam diferentes temas que gostariam de discutir sobre a vida feminina e para cada encontro elegem um tema. Para tal, pode ser

selecionado algum pequeno texto ou outro material que auxilie na discussão e possibilite acesso à informação.

A partir do grupo, as mulheres desenvolvem ações nas Associações, realizam protestos, participam de manifestos junto à plataforma reivindicativa pelos direitos da mulher, enviam projetos para organismos de pesquisa e de ação, discutem os temas nas escolas e tentam formas de fazer com que suas reivindicações cheguem às autoridades. Também realizam outras ações, como assistir a diferentes filmes para dialogar sobre eles e organizam festas e comemorações em torno das temáticas femininas.

No Brasil, o NIASE deu início a um Grupo de Mulheres, em agosto de 2007, junto a mulheres não acadêmicas, que vivem em zonas de vulnerabilidade social da cidade de São Carlos – SP, mais especificamente, no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS – Vila São José), seguindo a metodologia desenvolvida na Espanha. Neste grupo, também são realizados encontros mensais, de duas horas, partindo das necessidades apresentadas naquele contexto. Destaca-se que nos grupos é combinado previamente o sigilo, entre as participantes, a respeito dos temas discutidos e dialogados na atividade: espaço de segurança e confiança.

Observamos que nestes Grupos de Mulheres a autoconfiança se gera a partir da interação com outras companheiras, falando sobre como resolvem os conflitos em casa, como aconselham suas amigas, refletindo sobre os avanços da mulher na sociedade e sobre as condições melhores que podem ter suas filhas e filhos, bem como compartilhando as estratégias que criam para diversas atividades.

Os grupos possibilitam que mulheres reflitam sobre as suas vidas e compartilhem os problemas que vivenciam. Problemas estes que identificam também serem vivenciados por outras mulheres. Em diálogo, percebem que existem diferentes formas de superação destes problemas e que assumir as escolhas pessoais pode ser vantajoso para as mulheres. Percebem, ainda, que não existe um único modelo de ser mulher, e que diferentes experiências podem ser respeitadas.

O grupo também possibilita a busca por informações de diferentes temáticas que correspondem à vida feminina. É exemplo o tema saúde da mulher, o qual, ao ser discutido, exige reflexões específicas da realidade da comunidade, como o problema do atendimento do posto de saúde do bairro, ou ainda sobre o acesso e uso dos distintos métodos contraceptivos.

Outra temática discutida refere-se aos direitos das mulheres em casos de violência, assunto este também bastante discutido nos grupos. Ao falarmos da violência contra as mulheres, o grupo pode obter informações sobre os serviços disponíveis na cidade de São Carlos, bem como refletir sobre o porquê ainda existe um número tão grande de casos de violência contra as mulheres e o que fazer quando sabemos desses casos.

Ao discutir a temática mulher e trabalho, a questão das empregadas domésticas e dos direitos trabalhistas das mesmas, bem como os preconceitos sofridos pelas mulheres negras ao buscarem trabalho e a discriminação racial surgiram com força e foram analisados, dialogados, compartilhados, sob diferentes perspectivas, conhecimentos e experiências.

Destaca-se que, embora exista um pensamento simbólico em relação à fraqueza e à fragilidade da mulher, na prática cotidiana, as mulheres mostram o quanto este pensamento é equivocado, consequência da própria história de vida das mulheres dos grupos populares, as quais muitas vezes arcam sozinhas com a manutenção e estrutura da casa. Nos Grupos de Mulheres, comumente observamos frases como: “as mulheres são mais fortes que os homens”, “está sempre se movendo”, é a “base e estrutura da casa”, “a mulher evoluiu, o homem não”, “a mulher cuida de todos/as e ninguém cuida dela”.

São exemplos, ainda, temas como pensão alimentícia, mulher e mídia, educação de filhos e filhas, mulher e relacionamento, mulher e estética, afazeres domésticos, o que é ser mulher, entre outras, evidenciando-se, sempre, que as mulheres não encontram espaços para ter acesso a informações fundamentais para sua vida e para aprender sobre eles.

As participantes indicam que as conversas tidas nos grupos mensais também são levadas em diálogos realizados em outros momentos, com as filhas e filhos, com outras amigas. Dessa forma, as mulheres participantes tornam-se multiplicadoras de diálogo, reflexões e informações em seus bairros, família, nas escolas, etc.

Assim, a proposta é que todas as mulheres possam refletir sobre suas vidas, sobre o processo histórico de dominação que temos vivido e, a partir disso, possam assumir sua transformação em busca de serem mais felizes, “confiando na ação de todas as mulheres, que em solidariedade e na intercomunicação, podem mudar o curso da história” (PUIGVERT, 2001, p. 13).

Faz-se necessário apontar também alguns obstáculos a serem superados nos Grupos de Mulheres. No Brasil, o Grupo nasceu como atendimento de demanda, pelo NIASE, em

parceria com a Prefeitura de São Carlos, diante das necessidades apontadas pelas Assistentes Sociais do CRAS Vila São José, bem como a partir da necessidade de atividades de educação que possam prevenir os altos índices de violência contra a mulher naquele bairro. Contudo, existe uma rotatividade muito grande das mulheres participantes, o que ainda não garante um núcleo central que possibilite maior autonomia do Grupo.

Somado a isto, tem-se o fato do Grupo ainda não estar organizando ações mais amplas, tais como protestos, ações em direção ao Estado, mobilizações das mulheres na luta pelos seus direitos, como acontece nos Grupos de Mulheres realizados na Espanha. Tais obstáculos vêm sendo refletidos pela equipe de extensão, que pretende dialogar sobre essas questões, para que juntas possam identificar possíveis ações de melhorias para todo o Grupo.

Considerações Finais

Nestas considerações destacamos a importância do desenvolvimento de ações educativas e de reflexões sobre as questões de gênero, de forma que as mulheres possam refletir sobre o processo histórico de dominação em que vivem e buscar coletivamente novas possibilidades. Vemos atualmente muitas políticas de atendimento às vítimas de violência de gênero, por exemplo, as quais são essenciais diante dos dados alarmantes de violência contra a mulher. Porém, destaca-se que apenas atividades de atendimento não resolvem a complexidade do tema. É preciso que as mulheres possam dialogar sobre tal realidade e se educarem para a transformação, em perspectiva preventiva.

É nessa direção que destacamos a importância de movimentos de mulheres em solidariedade. Historicamente, foi somente a partir da luta das mulheres e sua organização em movimentos próprios, ou seja, movimentos de mulheres, que a autoridade masculina e as diferenças excludoras entre os sexos foram denunciadas como uma construção social injusta.

Para que mais mulheres se identifiquem com os movimentos feministas é necessário incorporar suas vozes, suas necessidades e seus pontos de vista em um plano de igualdade. Entendemos que o feminismo dialógico preocupa-se em incorporar todas as mulheres no diálogo sobre a igualdade, sobre os diferentes modos de ser mulher, sobre suas necessidades e interesses. Parte da concepção que não existe uma maneira única de ser mulher e que compartilhar distintas experiências é enriquecedor para as mulheres, da teoria à prática, ou por pertencer a diferentes realidades culturais ou grupos sociais. A incorporação de outras

realidades, permite recuperar temas fundamentais que aparentemente estão superados nos estudos de gênero (mas, estão, sim, invisibilizados ou silenciados nesses estudos, por menosprezarem as desigualdades ainda existentes e necessárias de serem superadas). Dessa forma, salientamos o cuidado e o alerta necessários para que os debates sobre as mulheres não estejam relacionados com as necessidades apenas de um grupo de mulheres, as acadêmicas, pois pode gerar como consequência a criação do mito de que a igualdade de gênero e a igualdade entre diferentes grupos de mulheres já está conquistada ou que não é importante – muitas vezes, pensam assim, enganosa ou egoisticamente, mulheres que têm mais proteção social (geralmente brancas e com alta escolaridade).

Nesse sentido, compreende-se que a luta pela liberação feminina é uma luta conjunta de todas as mulheres que desejam melhorar suas formas de vida, superando a autoridade incondicional que exercem os homens sobre elas. É a luta de mulheres que, além de conseguir mais respeito e liberdade para as mulheres, não desejam simplesmente inverter as relações (assumindo elas os comportamentos de depreciação, mando, violência que historicamente é realizado por homens), mas transformá-las.

Finalizamos esta discussão visualizando a escolha política do feminismo dialógico como uma possibilidade da reafirmação da mulher enquanto protagonista social, como uma busca para que o maior número possível de mulheres possa escolher como quer que seja sua vida e seja respeitada por isso.

Referencias

- FLECHA Ramón. **Compartiendo Palabras: El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo**. Barcelona: Paidós, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005 (a). 43 ed.
- HABERMAS, Jurgen. **Teoria de la Acción Comunicativa**. Vol.1. Racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987.
- MELLO, Roseli, Rodrigues de. **Aprender a Ler e Escrever: sonho e coragem de mulheres**. II Encontro sobre Prática de Leitura, Gênero e Exclusão. Campinas, 2003. p. 1-9.
- PUIGVERT, Lúdia. **Las otras mujeres**. Barcelona: El Roure editorial, 2001 (a).
- _____. Igualdade de Diferenças. In BECK-GERNSHEIM, Elisabeth; BUTLER, Judith; PUIGVERT, Lúdia. **Mujeres y transformaciones sociales**. Barcelona: El Roure, 2001 (b). p. 93-107.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Mulher & Homem: o mito da desigualdade**. São Paulo: Editora Moderna, 1988.